

## ELEMENTOS GEOLITERÁRIOS NO TERCEIRO ATO DE TORTO ARADO: DESCRIÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA, ESPAÇO E TEMPO

Rodrigo Cotta Martinho<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente estudo pretende analisar o terceiro ato da obra *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, e suas potencialidades para o ensino de Geografia na educação básica no contexto da Base Nacional Comum Curricular, através da compreensão da construção sócio-histórica da região nordeste do Brasil e dos problemas ainda presentes em nossa sociedade. Busca-se relacionar a descrição de elementos da paisagem apresentados pela terceira voz narrativa do romance com os conhecimentos histórico-geográficos, sob a ótica da Geoliteratura, com fatos recentes ocorridos no Brasil e noticiados pela imprensa, comprovando que arte e ciência podem ser duas faces da mesma moeda.

**Palavras-chave:** Geografia, Literatura, Ensino, BNCC, Torto Arado.

### RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar el tercer acto de la obra "*Torto Arado*" de Itamar Vieira Junior y su potencial para enseñar Geografía en la educación básica en el contexto de la Base Nacional Común Curricular, a través de la comprensión de la construcción sociohistórica de la región noreste de Brasil y los problemas que persisten en nuestra sociedad. Se busca relacionar la descripción de elementos del paisaje presentados por la tercera voz narrativa en la novela con conocimientos histórico-geográficos, desde una perspectiva de la Geoliteratura, con eventos recientes en Brasil informados por la prensa, demostrando que el arte y la ciencia pueden ser dos caras de la misma moneda.

**Palabras clave:** Geografía, Literatura, Educación, BNCC, Torto Arado.

### ABSTRACT

This study aims to analyze the third act of the work "*Torto Arado*" by Itamar Vieira Junior and its potential for teaching Geography in basic education within the context of the National Common Curricular Base, by understanding the socio-historical construction of the Northeast region of Brazil and the ongoing issues in our society. It seeks to relate the description of landscape elements presented by the third narrative voice in the novel to historical-geographical knowledge, from a Geoliterature perspective, with recent events in Brazil reported by the press, proving that art and science can be two sides of the same coin.

**Keywords:** Geography, Literature, Education, BNCC, Torto Arado.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ) – RJ, [rcmartinho@gmail.com](mailto:rcmartinho@gmail.com).

O presente artigo foi elaborado no âmbito da disciplina "Diálogos geoliterários na prática de pesquisa e nos processos formativos contemporâneos". A participação no evento contou com fomento da CAPES.

## INTRODUÇÃO

*Sempre no início  
A gente não sabe como começar  
Começa porque sem começo  
Sem esse pedaço não dá pra avançar<sup>2</sup>*

Antes de começarmos, segue um alerta de *spoiler*<sup>3</sup>: caso ainda não tenha lido o romance Torto Arado, sugiro que adie a leitura desse ensaio até que o faça. Pode comprometer a experiência da leitura de uma grande obra literária brasileira. Caso tenha lido ou não se importe com revelações antecipadas, sigamos.

Geografia e literatura constituem duas formas de leitura e escrita do mundo.

A primeira, científica. A Geografia teve ao longo do tempo diferentes enfoques, de acordo com o contexto de cada período histórico, desde os primórdios do século I e II, com Estrabão e Ptolomeu, até os tempos contemporâneos do espaço global. Conforme pontua Moreira (2014) a ciência geográfica já foi definida como o estudo descritivo da paisagem, o estudo da relação homem-meio e o estudo da organização do espaço pelo homem. Durante esse processo, diferentes conceitos e categorias de análise foram desenvolvidos, perpassando por diferentes epistemologias que buscaram explicar, a seu modo, as relações e dinâmicas físicas, biológicas e humanas que (inter)agem na Terra.

A segunda, artística. Apesar de também se reconhecer por meio de conceitos, gêneros e subgêneros literários, não está presa à rigidez imposta pela ciência e seu rigor metodológico.

A Geografia e a literatura estão conectadas de várias maneiras. Por meio das palavras, a literatura pode ser uma forma de descrição de uma paisagem ou ambiente, bem como das transformações culturais e sociais que ocorrem em uma determinada região em um determinado período histórico. Da mesma forma, a Geografia pode ser utilizada para contextualizar a obra literária, levando em consideração o espaço geográfico em que foi produzido, dotado de características que exigem do leitor a construção de paisagens e espaços diversos pautados na objetividade e na subjetividade das palavras e do leitor.

Brosseau (2007) aponta que a relação entre literatura e Geografia ganhou força a partir do início da década de 1970. A Geografia humanista e a Geografia crítica marxista, a partir de instituições anglo-saxônicas, surgiram em oposição à corrente quantitativa que dominou a

---

<sup>2</sup> Os capítulos trazem em epígrafe trechos da canção O meio, de Luiz Tatit, cujos versos refletem e refratam a sensação do autor ao se aventurar neste trabalho.

<sup>3</sup> *Spoiler* tem origem no verbo *spoil*, que significa estragar. É um estrangeirismo adotado no Brasil e em países não-anglófonos para designar a revelação antecipada de informações sobre um conteúdo (filme, série, livro etc.) para uma pessoa que ainda não conheça a obra.

ciência geográfica nos anos anteriores. Entretanto, essa relação já era observada em Humboldt, em capítulos dedicados à literatura em sua obra *Cosmos*, e também em La Blache, na obra *A Geografia da Odisseia*. De acordo com Silva (2020) a *Odisseia*, de Homero, representa a “Geografia mais antiga que temos conhecimento e nela estariam plasmadas literatura e Geografia, tendo como foco central a viagem, ao mesmo tempo real e imaginária” (SILVA, 2020. p.3).

Os relatos de experiência sempre tiveram importância para a Geografia. Desde os primórdios do processo de consolidação do conhecimento geográfico como ciência autônoma, a descrição das paisagens e demais características naturais foram realizadas por viajantes, naturalistas, comerciantes, militares, escritores entre outros. Nesse sentido, a subjetividade esteve presente ao longo do processo de descoberta e conhecimento do mundo. Nesse caminho, Marandola Jr. (2010) traz à discussão o conceito de *geosofia*, termo criado por John K. Wright em 1947, que representaria o estudo do conhecimento geográfico produzido por geógrafos e não-geógrafos a partir da descrição e reconhecimento de elementos presentes na paisagem.

A literatura, como produto da observação e descrição das paisagens, era bem aceita como instrumento complementar à Geografia regional. Os autores, mesmo não-geógrafos, poderiam descrever com riqueza de detalhes diversos aspectos da paisagem presentes em diferentes lugares, contribuindo como elemento empírico de análise espacial. Porém, Brosseau (2007) ressalta que as obras literárias, ficcionais ou não, devem ser analisadas com cautela. A descrição de uma determinada paisagem pode ser alterada de acordo com a subjetividade do autor, como memórias afetivas, adaptação à narrativa, criação de paisagens ficcionais, licença poética entre outros.

Nesse sentido, o estudo do romance *Torto Arado* apresenta uma potencial vantagem: o autor, Itamar Vieira Junior, é geógrafo de formação, além de vivenciar parte da situação descrita em seu romance no exercício de seu trabalho no INCRA<sup>4</sup>. A opção por limitar este estudo ao terceiro ato do romance justifica-se pela amplitude descritiva da terceira voz narrativa da obra, personificada pela encantada Santa Rita Pescadeira. As descrições e reflexões apresentadas pela personagem remetem a diferentes escalas de observação e momentos históricos ao longo do processo de formação do território brasileiro.

---

<sup>4</sup> Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Órgão federal fundado em 1970, que tem por objetivo executar a reforma agrária e realizar o ordenamento fundiário nacional.



## **METODOLOGIA (O ENSINO DE GEOGRAFIA E A BNCC: A LITERATURA PODERÁ NOS AJUDAR?)**

*Agora depois do começo  
Já estou me sentindo  
Bem mais à vontade  
Talvez já esteja no meio  
Ou começo do meio  
Porque bem no meio  
Seria a metade*

Há tempos os professores de Geografia utilizam trabalhos artísticos como instrumentos complementares às aulas, como forma de aprimorar o processo de ensino e aprendizagem. Desde tirinhas da Mafalda, cordéis, poemas de Patativa do Assaré, músicas que vão de Luiz Gonzaga até O Rappa, para citar apenas alguns. Nesse sentido, um professor leitor consegue oferecer aos alunos diferentes formas e recursos de aprendizagem dos conteúdos geográficos que vão além das simples aulas expositivas, livros didáticos e avaliações somativas.

As contrarreformas educacionais aprovadas pelo governo federal em 2017 e materializadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) - de caráter normativo - são alvo de críticas pela falta de transparência e de diálogo com diferentes grupos da sociedade e comunidade escolar que serão diretamente afetados, tais como associações de estudantes, pais, docentes, funcionários entre outros.

A desigualdade de condições entre a educação pública e privada se manifesta a partir de realidades distintas. Na educação privada cada unidade escolar ou rede de ensino ficará livre para adotar e adaptar as diretrizes da BNCC de acordo com sua estrutura, que normalmente conta com recursos humanos, técnicos e tecnológicos que garantem o acesso, permanência e progressão dos estudantes de maneira contínua.

Na educação pública as reformas são impostas por meio de currículos prescritivos e padronizados para as redes de ensino, diante de um processo de desmonte neoliberal apoiado em ideais de ensino tecnicista. Diante de um contexto de precariedade da educação básica, no qual os entes governamentais deixam de investir na valorização e na formação continuada dos profissionais, na realização de concursos públicos, na falta de estrutura adequada para a adoção dos percursos formativos previstos pela BNCC, na mudança na estrutura das disciplinas escolares entre outros problemas, levam a um distanciamento no processo de ensino e aprendizagem entre a escola pública e privada. A desigualdade aumenta quando

observamos os processos de admissão ao ensino superior - vestibulares e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) - e comparamos os resultados de alunos oriundos de cada esfera.

A metodologia educacional *STEM*<sup>5</sup> (ou *STEAM*, em alguns casos), originária dos Estados Unidos, vem sendo implantada gradualmente na educação pública brasileira. É vendida como inovadora, pois busca adaptar o ensino escolar com as demandas tecnológicas da atualidade. Associadas à intencional redução das chamadas ciências humanas no currículo do ensino médio, em detrimento da implantação de novos componentes curriculares chamados de percursos formativos, buscam requestrar e incrementar uma visão escolanovista com algum verniz tecnológico.

A ideia da cultura *Maker* e do empreendedorismo (dois novos mantras neoliberais baseados na ideia do faça você mesmo e pare de depender do Estado para tudo, mesmo que sua escola não tenha estrutura adequada e o professor não tenha formação específica para isso) fortalecem as disparidades do processo de ensino e aprendizagem entre a educação popular e a educação de elite e, conseqüentemente, a ampliação das desigualdades entre classes sociais e sua manutenção intencional.

A associação entre o modelo de avaliação adotado pelo ENEM com o chamado Novo Ensino Médio (NEM) pode vir a gerar um possível aumento da dificuldade de aprovação no exame por parte dos alunos oriundos da escola pública. Dentre as conseqüências, uma provável redução de matrículas no ensino superior - o que justificaria uma possível intervenção “salvadora” da iniciativa privada sobre a educação pública por grandes conglomerados educacionais privados, dotados apenas de interesses mercantis expansionistas.

Na BNCC, as disciplinas estão organizadas por áreas do conhecimento. Geografia, História, Filosofia e Sociologia estão reunidas na área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. No ensino médio, as disciplinas de História e Geografia terão redução de duas horas/aula semanais, enquanto Sociologia e Filosofia terão redução de quatro horas/aula semanais. Caso não haja revogação ou revisão do NEM, como o ensino de Geografia pode sobreviver à redução de carga horária? A literatura pode ser uma aliada nesse sentido.

As disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa continuarão sendo obrigatórias nos três anos do ensino médio. Por meio de atividades interdisciplinares entre Geografia e Língua Portuguesa, por exemplo, poder-se-ia criar uma relação simbiótica entre as disciplinas, ao

---

<sup>5</sup> Acrônimo (em inglês) para *Science, Technology, Engineering e Mathematics*. Esta metodologia educacional mantém o foco apenas nas ciências exatas para a educação escolar, sendo voltadas ao mercado de trabalho. Há também a variação *STEAM*, onde a letra A significa *Arts*, que incluiria todos os conhecimentos não abarcados pelas outras siglas, incluindo as ciências humanas.



utilizar a literatura como um recurso comum entre elas. Desde trechos textuais até obras completas, poderiam ser utilizadas em projetos escolares que servissem de estímulo à leitura valorizando a criatividade e o senso crítico, tocando em conceitos e temas relacionados aos conteúdos geográficos com vistas ao debate e apropriação dos temas abordados.

É importante pontuar que a instrumentalização da literatura, assim como a simples realização de tarefas engessadas (tais como: o que há de Geografia no texto?) podem resultar na supressão e desinteresse do prazer pela leitura. Dessa forma, o planejamento deve ser elaborado respeitando as obras e atividades que possam ser ao mesmo tempo didáticas e prazerosas, culminando em maneiras diferenciadas de avaliação que possibilitariam novas formas de aprendizagem aos estudantes.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO (RIO DE SANGUE: DESCRIÇÃO SOCIOESPACIAL DE SANTA RITA PESCADEIRA)**

*Diria, sem muito rodeio  
No princípio era o meio  
E o meio era bom  
Depois é que veio o verbo  
Um pouco mais lerdo  
Que tornou tudo bem mais difícil*

O romance *Torto Arado* conta a história de uma comunidade de trabalhadores rurais em uma fazenda no sertão da Bahia chamada Água Negra. Com habilidade, o autor utiliza três diferentes vozes narrativas: as irmãs Bibiana e Belonísia, unidas por um incidente em comum. E a encantada do Jarê<sup>6</sup>, Santa Rita Pescadeira.

Um dos méritos do romance está na abordagem de assuntos que permeiam a história brasileira, desde o século XVI até os tempos atuais, onde todas as personagens descrevem com grande riqueza de detalhes diversas características acerca dos espaços e tempos apresentados na história. Entretanto, a opção pela análise da descrição espacial de Santa Rita Pescadeira relaciona-se com o fato da personagem ser uma entidade espiritual que atravessou diferentes lugares e períodos históricos, importantes para a compreensão do processo de formação socioespacial brasileiro.

Alguns trechos descritos pela personagem estão diretamente relacionados com fatos que, em 2023, ainda insistem em se mostrarem atuais e presentes nas relações de trabalho e

---

<sup>6</sup> O Jarê é uma prática religiosa de matriz africana presente exclusivamente na região da Chapada Diamantina.

nas relações entre homem e meio. No ensino, a obra apresenta grande potencial para enriquecer as aulas de Geografia e História, através da possibilidade de relacionar as características de diferentes momentos do espaço brasileiro ao longo do tempo. Para isso, alguns trechos do romance serão comparados com exemplos de matérias jornalísticas, como forma de demonstrar a estreita relação entre literatura e realidade.

No romance *Deuses Americanos*, de Neil Gaiman, a premissa de deuses que perdem seus poderes e relevância na medida em que deixam de ser cultuados por seus crentes, levam ao seu enfraquecimento e possível obliteração provocada pelo total esquecimento. Em *Torto Arado*, a encantada passa por situação semelhante, como resultado de mudanças socioculturais provocadas pelo processo de industrialização e urbanização no Brasil, bem como pela influência das religiões cristãs (principalmente da ascensão dos evangélicos) e ao preconceito contra religiões de matriz africana, como podemos observar no trecho:

Nos momentos de forte emoção meu horizonte se embota, transbordo para os lados, não consigo reunir o que me compõe. Se ainda pudesse montar um cavalo...mas ninguém se recorda de Santa Rita Pescadeira. Não há curador nem casa de jarê. Aos poucos vão desaprendendo, porque há muita mudança na vida de todos. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.206)

Apesar de não haver menção explícita à questão do preconceito religioso no trecho acima, podemos relacionar a ideia de “mudança na vida de todos” às próprias mudanças culturais observadas no país, principalmente em municípios periféricos das grandes metrópoles. Nestes, as religiões evangélicas e neopentecostais apresentaram crescimento de seguidores de acordo com dados de 2010<sup>7</sup>. Um exemplo deste fato pode ser verificado na matéria abaixo, sobre a manifestação pública de um pastor sobre os centros de umbanda no município de Itaboraí, na região metropolitana do Rio de Janeiro.

---

<sup>7</sup> Os dados do censo demográfico do IBGE iniciado em 2022 ainda estão em fase de coleta e organização durante a escrita deste trabalho.

# Itaboraí tem protesto contra a intolerância religiosa após pastor atacar religiões de matriz africana em evento da prefeitura

Ato foi neste domingo, no Centro do município. Na quinta-feira, religioso discursou no palco montado para os 189 anos da cidade citou 'endemoniados' e disse que 'o tempo da bagunça espiritual acabou': 'Prepara para ver muito centro de umbanda sendo fechado na cidade', discursou.

Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/05/22/itaborai-tem-protesto-contr-a-intolerancia-religiosa-apos-pastor-atacar-religioes-de-matriz-africana-em-evento-da-prefeitura.gh.html> Acesso em: 20 abr. 2023.

A coisificação da natureza implementada pelos agentes do capital (empresas e governos) promovem a separação entre homem e natureza, e a transformação desta em recurso e matéria-prima. Segundo Santos (1994) o processo de urbanização inverte a lógica das sociedades primitivas do uso dos elementos naturais para garantir sua sobrevivência, transformando-a em meio fornecedor de recursos para a manutenção e ampliação do consumo, levando à exploração e destruição da natureza natural. A atividade econômica baseada na mineração leva à poluição e/ou à destruição dos corpos d'água, impactando diretamente as populações ribeirinhas em relação à sobrevivência e manutenção de seus elementos culturais. A própria encantada sofre as consequências da atividade predatória do homem, conforme o trecho:

Me embrenhei entre o povo que os donos da terra chamavam de trabalhador e morador. Era o mesmo povo que me carregou nas costas quando eram escravos das minas, das lavouras de cana, ou apenas os escravos de Nosso Senhor Bom Jesus. Me acolhia num corpo, acolhia em outro, quando tinha abundância de água nessas terras. Mas o diamante não nos trouxe sorte nem bambúrrio. O diamante trouxe a ilusão, porque, quando instalaram as dragas, os rios foram se enchendo da areia que jorrava das grutas. Os rios foram ficando sujos e rasos. Sem abundância de água para pescar já não tinham porque pedir nada a Santa Rita Pescadeira (...) Então, ninguém atinava a aprender as cantigas da encantada. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.205)

O trecho em destaque demonstra a importância da fé para os hábitos da população no interior do país, onde as culturas e tradições permanecem inalteradas pelo isolamento intencional dos trabalhadores pelos proprietários da terra. A atividade da mineração também provocou fortes mudanças na paisagem local, com o assoreamento dos rios, redução da atividade pesqueira e aumento da violência provocada pelas disputas entre garimpeiros.





A situação descrita neste trecho ainda ocorre de forma deliberada em regiões do interior do país, principalmente em terras indígenas na região amazônica. Durante o período do governo Bolsonaro (2019-2022), por meio de políticas armamentistas e de redução das políticas de demarcação de terras indígenas, assistiu o crescimento de casos de atividades de garimpo ilegal de ouro e da violência contra as populações indígenas.



### **Líder indígena: garimpo chegou a novas áreas yanomami nos últimos anos**

Disponível em: < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-02/lider-indigena-garimpo-chegou-novas-areas-yanomami-nos-ultimos-anos> > Acesso em: 17 abr. 2023.

A lei áurea, de 1888, representou o fim oficial do regime de trabalho escravo no Brasil. Contudo, na prática, este modelo de trabalho perdurou em regiões do interior do país por anos, devido à falta de fiscalização governamental, à desregulamentação do trabalho rural e influência dos proprietários de terra que utilizavam brechas legais para manter o regime de trabalho análogo à escravidão. Podemos observar essa questão no trecho abaixo:

Os donos já não podiam ter mais escravos, por causa da lei, mas precisavam deles. Então foi assim que passaram a chamar os escravos de trabalhadores e moradores. Não poderiam arriscar fingindo que nada mudou, porque os homens da lei poderiam criar caso. Passaram a lembrar para seus trabalhadores como eram bons, porque davam abrigo aos pretos sem casa, que andavam de terra em terra procurando onde morar. Como eram bons, porque não havia mais chicote para castigar o povo (...) Então, vocês trabalham nas minhas roças e, com o tempo que sobrar, cuidam do que é de vocês. Ah, mas não pode construir casa de tijolo, nem colocar telha de cerâmica. Vocês são trabalhadores, não podem ter casa igual a dono. (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p.204-205)

O proprietário utilizava a função social da terra de prover a sobrevivência como forma de manutenção do controle sobre a mão-de-obra que vivia e trabalhava no local. O fato de os trabalhadores não poderem construir casas de alvenaria tinha o intuito de não pleitearem direito adquirido sobre as terras onde viveram e plantaram por anos a fio. Casos semelhantes



de trabalho análogo à escravidão foram reportados nos últimos anos no Brasil, principalmente em atividades do campo, carvoaria e empresas clandestinas em cidades grandes.



**Em 2023, 523 vítimas de trabalho análogo à escravidão foram resgatadas**

*Informação foi divulgada pelo Ministério do Trabalho e Emprego*

Disponível em:< <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-03/em-2023-523-vitimas-de-trabalho-analogo-escravidao-foram-resgatadas>> Acesso em 17 abr. 2023.

As lutas por causa sociais também estão presentes na descrição da personagem, conforme o trecho em destaque:

Severo morreu porque pelejava pela terra de seu povo. Lutava pelo livramento da gente que passou a vida cativa. Queria apenas que reconhecessem o direito das famílias que estavam havia muito tempo naquele lugar, onde seus filhos e netos tinham nascido. Onde enterraram seus umbigos, no largo de terra dos quintais das casas. Onde construíram casas e cercas. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.207)

O Brasil possui um histórico de assassinatos de líderes comunitários e ativistas ambientais. Desde a morte de Chico Mendes, em 1988, que ganhou notoriedade mundial devido à relação com a Floresta Amazônica, diversos casos ocorreram no país. A política armamentista e o enfraquecimento de órgãos de fiscalização no último quadriênio levaram ao crescimento dos casos, motivados pela exploração econômica de áreas preservadas, conforme matéria abaixo.





## Brasil foi o país que mais matou ativistas e líderes comunitários em dez anos

Mais de 340 ativistas ambientais e líderes de comunidades tradicionais morreram no Brasil de 2012 a 2021

28 de setembro de 2022, 22:58 h

Atualizado em

28 de setembro de 2022, 23:29



Dom Phillips e Bruno Pereira, ativistas ambientais mortos em junho de 2022 na Amazônia (Foto: PF/Divulgação | Reprodução)

Disponível em: < <https://www.brasil247.com/meioambiente/brasil-foi-o-pais-que-mais-matou-ativistas-e-lideres-comunitarios-em-dez-anos> > Acesso em 20 abr. 2023.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Criou o real, criou o fictício  
Criou o natural, criou o artifício  
Criou o final, criou o início  
O início que agora deu nisto  
Mas tudo tomou seu lugar  
Depois do começo passar  
E cada qual com seu canto  
Por certo ainda vai encontrar  
Um meio pra nos alegrar*

Literatura e Geografia estão unidas através da descrição dos espaços ao longo do tempo e de seus diferentes arranjos espaciais. Nesse sentido, a arte pode contribuir com a ciência em diferentes aspectos, onde a Geografia humanística pode utilizar-se das narrativas de diversas obras, clássicas ou contemporâneas, contribuindo para a construção dos conhecimentos geográficos.

O ensino de Geografia, assim como as outras ciências humanas, passa por um período de dificuldades diante da BNCC, com redução sistemática de horas/aula e enxugamento dos conteúdos curriculares, voltadas ao atendimento de agendas neoliberais associadas à educação pública.

O romance Torto Arado retrata alguns aspectos importantes do processo de formação do território brasileiro, bem como alguns fatos atuais relacionados à ação capitalista sobre os diferentes lugares, em um processo que se demonstra cada vez mais exploratório e violento.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.

BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura In: Literatura, música e espaço. Org: Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007.

MARANDOLA JR., Eduardo, Humanismo e arte para uma Geografia do conhecimento. Geosul (UFSC), p.7-26. 2010.

MOREIRA, Ruy. O discurso do avesso: para a crítica da Geografia que se ensina. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOS, Milton. Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da (2020). A Geografia serve, antes de mais nada, para organizar a viagem: real e imaginária. Revista Geografia, Literatura E Arte, 2(2), 146-172. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2594-9632.geoliterart.2020.169348>> Acesso em: 17 abr. 2023.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. Torto arado. São Paulo: Todavia, 2019.